



Jornalismo, Mediações e Cidadania: Formação da Opinião dos Jovens Blumenauenses¹

Chirlei Diana KOHLS²
Ofelia Elisa TORRES MORALES³

INSTITUTO BLUMENAUENSE DE ENSINO SUPERIOR – IBES/ SOCIEDADE
EDUCACIONAL DE SANTA CATARINA – SOCIESC

Resumo

O presente trabalho visa conhecer os pontos de vista de leitores do Jornal de Santa Catarina sobre a abordagem de jovens. Amigos, escola, igreja e meios de comunicação são algumas mediações que influenciam na formação da opinião das pessoas sobre diferentes assuntos. Neste processo, o jornalismo desempenha relevante papel, pois atinge um significativo número de pessoas, tem credibilidade e a abordagem das matérias pode ser determinante para formar a opinião dos receptores. Os leitores/ouvintes/ telespectadores/ internautas precisam receber informações de qualidade e compreender as temáticas de forma contextualizada. A cidadania também se torna fundamental na inserção de pautas jornalísticas. Para tanto, foi aplicada análise de conteúdo e pesquisa de opinião, com o intuito de melhor compreender a formação de opinião dos jovens blumenauenses e as mediações envolvidas nesse processo.

Palavras-chave: Jornalismo; Ética Jornalística; Jovens; Mediações; Opinião.

1 Jovens: características e perspectivas

Desafios, mudanças e novas concepções são algumas questões enfrentadas pela juventude. A infância, caracterizada pela alegria, diversão, curiosidade e pouca responsabilidade, passa a ser substituída pela adolescência e logo pela juventude. A partir daí, as curiosidades tidas passam a ser lentamente compreendidas e cada vez mais, atribuem-se ao jovem mais responsabilidades. Minayo; et al. (1999, p. 7) defendem que:

A juventude vive hoje num tempo caracterizado por profundas mudanças. De um lado, prepara-se para a sua escolha ocupacional e sua inserção na esfera produtiva e reprodutiva, o que a torna tributária de um presente não isento de grandes contradições.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, área temática de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Graduada em Jornalismo pelo IBES SOCIESC. O presente artigo está relacionado ao Trabalho de Conclusão de Curso da autora “Jornalismo, Mediações e Cidadania: Formação da Opinião dos Jovens Blumenauenses”, defendida em 2008-II. Contato: chirleidiana@gmail.com.

³ Professora orientadora. Curso de Jornalismo do IBES SOCIESC, em Blumenau, SC. Mestre em Rádio e Televisão e Doutora em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Pós-doutoranda da Cátedra Unesco da Comunicação UESP. Contato: ofeliatm@gmail.com Júri Expocom Sul.



A escolha profissional, o estudo e as convivências de novas amizades são caminhos a ser escolhidos nesta fase. A definição exata da faixa etária⁴ desta fase varia de acordo com diferentes aspectos levados em consideração. Minayo; et al. (1999, p. 12) explicam que:

Os limites de idade para se definirem adolescência e juventude são variados, pois dependem de parâmetros socioculturais diferenciados e de tratamentos estatísticos diversos, de acordo com as instituições que refletem ou atuam junto a esse segmento da população. A Organização Internacional da Juventude define esses parâmetros ente 15 e 24 anos, opção utilizada na maioria das análises demográficas. No entanto, tal de marcação é muitas vezes questionada pelos que consideram juventude como um processo e não apenas como uma categoria etária.

Pela dificuldade de associar o emprego ao estudo, os jovens acabam deixando a escola em segundo plano, o que reflete, muitas vezes, no abandono dos estudos. Arpini (2003, p. 155) observa que:

A escola vai ficando para trás, e isso acontece porque sentem que o estudo não lhes dá nenhum retorno, sentem que o que aprendem na escola não será utilizado mais tarde. Além disso, a maioria deles não tem perspectivas de prolongar muito seu estudo, de modo que saber ler e escrever lhes parece suficiente para exercerem o tipo de trabalho que têm em mente [...].

A qualidade de vida, muitas vezes, acaba sendo estabilizada da maneira como lhes foi concebida, e os jovens com necessidade de melhorá-la têm pouca possibilidade de mudar esta realidade. A educação é uma arma social significativa para mudar perspectivas de vidas da juventude, tanto para classes altas como baixas. Os programas e ensinamentos educacionais devem ser trabalhados com profundidade em escolas públicas e particulares, trazendo além de assuntos relacionados às disciplinas, uma visão crítica aos estudantes.

1.1 Jovens empobrecidos

Os jovens empobrecidos lidam com todas as mudanças enfrentadas na fase com mais dificuldade, pois além da questão financeira, passam pela discriminação,

⁴ Neste trabalho, optou-se em referir à juventude com idade de 15 a 25 anos, esta faixa etária foi levada em consideração principalmente na análise de conteúdo.



preconceito e, muitas vezes, exclusão social. Conforme Sallas; et al. (1999, p. 259), “o preconceito social pode se operar na forma clássica do rico que discrimina o pobre ou discriminação social vertical”. Neste caso, as pessoas financeiramente estáveis passam a ignorar a classe social mais baixa.

Velloso e Albuquerque (1993, p. 15) esclarecem:

O combate à pobreza, no Brasil deste final de século, não constitui apenas imperativo ético, fundado em considerações de cunho humanitário. É, também, condição essencial para o próprio desenvolvimento nacional, quando compreendido na sua integralidade como processo global, ou seja, indissociadamente econômico, social e político.

As comunidades empobrecidas precisam ser compreendidas e aceitas pela sociedade para que juntos possam buscar melhores condições de vida. O jornalismo também deve desempenhar o seu papel dando voz aos excluídos. Para colocar o jornalismo popular em prática, a jornalista Elaine Tavares propõe o exercício do jornalismo libertador.

Na senda desta discussão, a proposta que trago é a que chamo de jornalismo libertador, uma reflexão sobre o fazer jornalístico que parte dos pressupostos da Filosofia da Libertação. [...] Na Filosofia de Libertação uma discussão de fundo é a questão do ser. (TAVARES, 2004, p. 18)

Conhecer realmente o público-alvo, suas dificuldades e conquistas facilitam o desenvolvimento do jornalismo popular e aproxima os leitores das informações essenciais para a formação e consolidação de uma comunidade. Como também mostra para a sociedade quem realmente são estas pessoas, suas dificuldades, sonhos e angústias.

1.2 A mídia e os jovens

Como em qualquer assunto trabalhado em matérias jornalísticas, é importante mostrar aos leitores todos os lados envolvidos nos acontecimentos. Quando se fala em jovens, principalmente, empobrecidos, esta questão por muitas vezes falha. Mesmo com várias outras temáticas relacionadas a este público, como aponta esta pesquisa, na maioria das vezes, aparecem estampados nas capas de jornais e nas páginas de polícia, como mais um bandido preso ou morto. A violência se torna pauta principal quando se



fala neste público, mas geralmente não são ouvidos os principais protagonistas: os jovens de famílias empobrecidas. Oliveira (2005, p. 14) afirma que:

[...] observa-se que a violência juvenil desperta sobressaltos na população, uma vez que o comportamento violento dos adolescentes aparece associado ao aumento da violência urbana, ao mesmo tempo em que a mídia apresenta, com um certo destaque, indicativos sobre uma suposta periculosidade juvenil. No caso brasileiro, ao lado de jovens infratores transformados em manchetes da cobertura de imprensa, milhares de outros são vitimados em homicídios que sedimentam as estatísticas, mas praticamente permanecem quase invisíveis nas notas sumárias das páginas policiais. Em comum, tais situações implicam em um certo anonimato, pois desses jovens pouco sabemos, seja quando eles matam, seja quando eles morrem.

Essa população muitas vezes é julgada, mas não se dá a oportunidade de expressão a ela. É justamente isso que está faltando: sabermos um pouco mais sobre esse público, que também desempenha importante papel na sociedade. Casos e cenas violentas são, muitas vezes, veiculados sem a apuração aprofundada dos acontecimentos, o que acarreta na formação da opinião do receptor distorcida. A necessidade do furo de reportagem e o interesse econômico na venda de jornais e na audiência limitam e prejudicam as matérias jornalísticas.

2 Ética jornalística

Ouvir sempre os dois lados envolvidos no fato, buscar e divulgar a verdade e trabalhar sem a influência da questão econômica são alguns aspectos éticos que devem ser levados em consideração pelos jornalistas. Bucci (2000, p. 41) afirma que:

Fazer bom jornalismo já foi uma atitude ética. E aqui chegamos à razão prática da auto-suficiência ética que caracteriza as redações. O fazer jornalístico pressupõe uma ética, mas não depende de discorrer sobre ela. É como se fazer jornalismo bem-feito, vale dizer, *eticamente* bem-feito, não dependesse de pensar sobre ética nem de discuti-la.

Mas situações da rotina diária dos profissionais, geralmente, não permitem que todas as questões éticas sejam colocadas em prática. A correria no fechamento da edição e o confronto com editores que têm enraizado o lado financeiro são alguns motivos. Infelizmente, quem sofre é o público que recebe informações sem qualidade.

Conforme o Art. 2º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007):



Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão por que: I - a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica - se pública, estatal ou privada - e da linha política de seus proprietários e/ou diretores.

Mesmo se o jornalista se deparar com a opinião do editor ou proprietário da empresa, se for de interesse público, a notícia deve ser divulgada sem a influência de fatores econômicos.

Os meios de comunicação são sinônimos da verdade e para isso, é necessário prezar pela boa informação, sem esconder ou dar relevância a casos devido à questão financeira. O público deve ser o fator mais importante do fazer jornalístico, ele precisa receber informações de qualidade, sem a distorção do fato. Abramo (1988, p. 109) completa: “o jornalista não tem ética própria. Isso é mito. A ética do jornalista é a ética do cidadão. O que é ruim para o cidadão é ruim para o jornalista”. Infelizmente, muitas vezes esta ética não é cumprida e as principais funções dos jornalistas acabam ficando em segundo plano. Entrevistar todas as fontes possíveis envolvidas num acontecimento é outro fator determinante da ética jornalística. Se as notícias forem veiculadas sem o relato de todos os lados, o receptor estará mais sucinto a formar uma opinião distorcida sobre o caso ou tema. Bucci (2000, p. 50) defende que:

Dar voz aos dois lados de uma história, quando há dois lados que nela se enfrentam, é uma exigência ao mesmo tempo ética e técnica do jornalismo. Procurar a verdade dos fatos é um imperativo ético – e é, também, o objetivo de toda a técnica jornalística.

Nem sempre esta é a realidade de muitas redações, devido aos motivos citados anteriormente. A clareza e objetividade das informações publicadas também são importantes, pois o público precisa compreender facilmente o que aconteceu. Barros Filho (1995, p. 147) observa que:

Da mesma forma que na atenção seletiva, são vários os fatores que determinam o armazenamento da informação recebida. Entre eles mencionamos as condições em que se deu a exposição, o veículo da informação e a compreensão mais ou menos perfeita da mensagem.

Não adianta ouvir todas as fontes de uma pauta sem escrever com clareza para os receptores. A complexidade do objeto informativo pode ser explicada pela



dificuldade de ouvir todos os lados envolvidos e a acessibilidade e compreensibilidade se referem à objetividade e clareza das informações. Os jornalistas devem levar em consideração diferentes aspectos éticos na prática da profissão priorizando sempre o público, que deve receber informações de qualidade.

3 Campo de observação

Para alcançar os objetivos propostos delimitaram-se os critérios de inclusão. Diehl (2004, p. 64) afirma que “*população ou universo* é um conjunto de elementos passíveis de serem mensurados com respeito às variáveis que se pretende levantar. [...] *Amostra* é uma porção ou parcela da população convenientemente selecionada”.

Considerando essas definições, a população desse trabalho acadêmico são os jovens blumenauenses. De acordo com estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE, 2007), Resultados da Amostra do Censo Demográfico de 2000, 49.364 pessoas residentes no município de Blumenau tinham entre 15 e 24 anos. As estatísticas somaram 14.383 pessoas residentes na cidade com o rendimento nominal mensal de até um salário mínimo, no mesmo ano. O IBGE também aponta que em 2007, a população total de Blumenau somava 292.972. Como representa um grande número, foram selecionadas amostras dentro dos métodos trabalhados, que podem ser observadas a seguir.

3.1 Primeira Etapa: análise de conteúdo

Para verificar os temas relacionados a jovens que são veiculados no Jornal de Santa Catarina, foram analisados 27 edições, de 10 de julho a 10 de agosto de 2008 (nº 11.330 a nº 11.356). Este período foi escolhido de forma aleatória e para somar um mês para análise de assuntos veiculados, possibilitando uma melhor compreensão do que é divulgado sobre o assunto relacionado aos jovens⁵. Desta forma, a amostragem foi aleatória pura. Conforme Sousa (2004, p. 82):

⁵ Em relação aos critérios de inclusão das matérias jornalísticas relacionadas utilizou-se classificação de Krippendorff (apud BAUER & GASKELL, 2005, p.198) que define como **unidade sintática** a palavra, por exemplo, e como **unidade temática ou semântica** a qual é definida como: “características dos textos que implicam um juízo humano”. Por um lado, foi feito um levantamento de todas as matérias que incluíssem exatamente a palavra “jovem”. Por outro lado, após leitura das matérias, foram incluídas as matérias relacionadas aos jovens quantificando as **vezes** em que os “jovens” (conceito, idade) foram citados. BAUER, Martin & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2005.



Como o seu próprio nome indica, uma amostragem aleatória constitui por seleção aleatória de várias unidades de sondagem entre a população. [...] O método mais simples de amostragem aleatória consiste em sortear aleatoriamente unidades de sondagem a partir de uma lista exaustiva das mesmas. Os resultados são produzidos separadamente e depois comparados, buscando-se evidenciar convergências e divergências entre os dois aspectos.

O Jornal de Santa Catarina exerce importante papel na veiculação das notícias na região. Um dos primeiros motivos é pela abrangência do meio de comunicação no Estado e a população que atinge. “Com sede em Blumenau, o jornal é líder nas Regiões dos Vales catarinense, que corresponde a um terço da economia e potencial de consumo do Estado. Filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC), começou a circular em 1971 e abrange 65 municípios”⁶. A periodicidade de circulação do Jornal de Santa Catarina é diária. O formato é tablóide e o número de páginas varia entre 32 a 72 durante a semana e nos finais de semana, geralmente as edições passam de 100 páginas.

3.2 Segunda Etapa: pesquisa de opinião

Sendo a população do trabalho os jovens blumenauenses, na pesquisa de opinião os acadêmicos do Ibes Sociesc são a amostra. Este público foi escolhido pela facilidade de acesso e por integrar pessoas de diferentes cursos, o que caracteriza uma diversidade de opiniões e enriquecimento das respostas. Uma parcela da amostra (33 %) possui mais de 25 anos, mas as respostas contribuíram para verificar o ponto de vista deste público em geral. No mês de agosto de 2008, conforme a Secretaria Acadêmica do Ibes Sociesc, a instituição de ensino tinha 1025 alunos matriculados, sendo 373 do curso de Administração, 238 de Direito, 124 de Jornalismo, 108 de Ciências Contábeis, 103 de Publicidade e Propaganda, 35 de Comércio Exterior, 23 de Marketing, 19 de Psicologia, 1 de Relações Internacionais e 1 de Turismo.

Na pesquisa de opinião, a amostragem foi estratificada proporcional, pois houve a preocupação em entrevistar pessoas dos diferentes cursos e em proporção aos que apresentam maior número de alunos matriculados. A proporção não é exata, mas aproximada. Samara e Barros (2002, p. 93) completam que a amostragem estratificada “é aplicada quando há necessidade de subdividir a população em extratos homogêneos, como, por exemplo, por classe social, idade, sexo etc.”. A amostra foi subdividida de

⁶ Disponível em: <<http://www.santa.rbs.com.br/midias/index.php?pagina=jornal>> Acesso em: 22 ago. 2008.

acordo com os cursos oferecidos pelo Ibes Sociesc. Barbetta (2002, p. 50) ainda afirma que “a amostragem estratificada proporcional garante que cada elemento da população tem a mesma probabilidade de pertencer à amostra”. Todos os acadêmicos do Ibes Sociesc tiveram a mesma oportunidade de responder o questionário.

Quanto ao número de integrantes da amostra, o critério foi estatístico. Conforme Appolinário (2006, p. 127), critério estatístico é a “utilização de fórmulas estatísticas, que levam em consideração, por exemplo, o grau de confiabilidade da estimativa [...]”. Para calcular o número de entrevistados com margem de erro de 5 %, foi utilizada a seguinte fórmula (Barbetta, 2002, p. 60):

$$n_0 = \frac{1}{E_0^2} = n_0 = \frac{1}{(5\%)^2} = n_0 = \frac{1}{(0,05)^2} = \frac{1}{(0,0025)} = 400$$

$$n = \frac{N \cdot n_0}{N + n_0} = \frac{1025 \cdot 400}{1025 + 400} = \frac{410000}{1425} = 287,7 \text{ alunos}$$

Barbetta (2002, p. 60) explica que esta é “uma fórmula para o cálculo do tamanho mínimo da amostra”, considerando “N – tamanho (número de elementos) da população; n – tamanho (número de elementos da amostra); n_0 – uma primeira aproximação para o tamanho da amostra; e E_0 – erro amostral tolerável”.

De acordo com a fórmula proposta por Barbetta (2002, p. 60), deveriam ser entrevistados, no mínimo, 287,7 acadêmicos do Ibes Sociesc. Desta forma, 300 estudantes responderam à pesquisa.

Barbetta (2002, p. 59, grifo do autor) ainda explica que “chamamos *de erro amostral* a diferença entre o valor que a estatística pode acusar e o verdadeiro valor do parâmetro que se deseja estimar”. Assim, o valor da estatística pode conter um erro amostral de 5% em relação ao verdadeiro resultado do parâmetro que se deseja estimar.

4 Apresentação dos dados

4.1 Primeira Etapa: análise de conteúdo

Em 27 edições do Jornal de Santa Catarina, de 10 de julho a 10 de agosto de 2008, os jovens foram citados 228 vezes. Geral, Segurança e Esportes foram as editorias

nas quais os jovens apareceram. Além de serem abordados no Caderno Kzuka e na coluna social da Neuza Manzke Hoemke.

O gênero jornalístico informativo predominou diante do opinativo. Os 93% de citações do gênero jornalístico informativo representa 213 citações de jovens, entre notas, notícias, reportagens, fotografias, entrevistas, enquetes, capas do jornal e do caderno. Artigo, editorial e comentário foram os gêneros opinativos em que os jovens apareceram, os 7% correspondem a 15 vezes.

Fotografia⁷ foi o gênero informativo que predominou na análise de conteúdo do Jornal de Santa Catarina, com 36%. As notas somaram 24%; os jovens foram abordados 21 %. em notícias Já em reportagens, apareceram 6%, também foram citados em enquetes (4%), na capa do caderno Kzuka (2%) e na capa do jornal (2%). Escolheu-se especificar as percentagens da fotografia, da capa do caderno e da capa do jornal, pois apareceram separadamente na Coluna Social da Neuza Manzke e nas referidas capas.

Nos gêneros opinativos, os comentários predominaram com 86% e apenas um artigo (7%) e um editorial (7%) abordaram os jovens em um mês de circulação do Jornal de Santa Catarina, o que representa 27 edições.

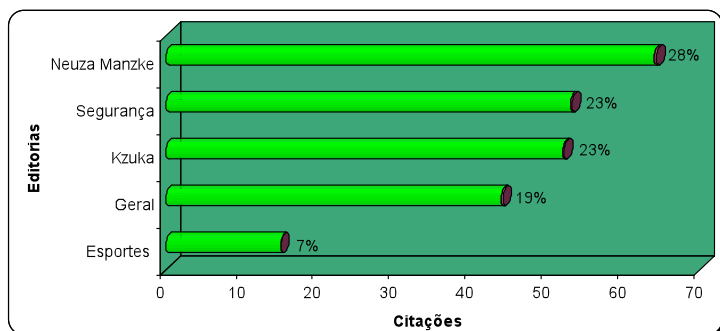


Gráfico 1 – Editorias das matérias relacionadas a jovens, segundo análise de conteúdo, no Jornal de Santa Catarina, de julho a agosto de 2008. (Em percentagem)

Fonte: Elaboração própria

A coluna social da Neuza Manzke Hoemke foi a que mais abordou os jovens, com 28%. A editoria de Segurança aparece em segundo lugar, com 23%, seguida do Caderno Kzuka, também com 23%. A editoria geral representa 19% e na de Esportes foram menos citados, com 7%.

Os assuntos abordados relacionados a jovens foram trânsito/acidentes, educação, saúde, moda/beleza, família, sexualidade/gravidez, lazer, entretenimento, segurança

⁷ Apesar da fotografia não ser classificado num gênero específico, optou-se por separá-la para ver sua incidência e avaliar assim sua significância na análise de conteúdo da imprensa regional.

pública, tecnologia/internet, cultura/música, pobreza, profissão/emprego/desemprego, esportes, violência, tráfico de drogas, prisão, assaltos/roubos, debutantes e famosos. As temáticas que mais foram abordadas foram lazer com 18%, jovens com 16%, violência com 12%, trânsito/acidentes com 10% e esporte com 8%.

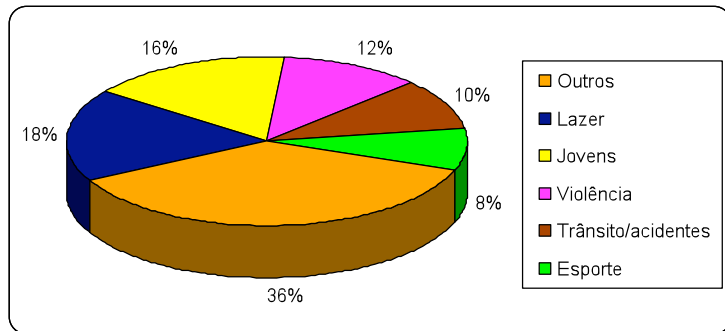


Gráfico 2 – Principais temáticas relacionadas a jovens, segundo análise de conteúdo, no Jornal de Santa Catarina, de julho a agosto de 2008. (Em percentagem)

Fonte: Elaboração própria

4.2 Segunda Etapa: pesquisa de opinião

Para a coleta e apresentação de dados da pesquisa de opinião, o questionário foi dividido em três partes: perfil dos entrevistados, jovens e meios de comunicação e a imagem do jovem no Jornal de Santa Catarina. Dos 300 entrevistados (acadêmicos do Ibes Sociesc), 57% são do sexo feminino e 43% são do sexo masculino. Quanto à idade dos participantes, 67% possui de 16 a 25 anos, 26% tem de 26 a 35 anos e 7% tem acima de 35 anos. A maioria dos entrevistados cursa Administração, sendo 31%, seguido de Jornalismo com 28%, Direito com 16%, de Ciências Contábeis com 10% e de Publicidade e Propaganda com 9%. Mais de R\$ 3.000,00 é a renda per capita da família da maioria dos participantes da pesquisa de opinião, sendo 22%.

Em relação ao uso dos meios de comunicação, foi uma questão de múltipla resposta. Internet é o meio de comunicação que a maioria dos entrevistados tem acesso, sendo 23%, seguido da televisão também com 23%. 20% tem acesso ao rádio, 18% ao jornal e 16% à revista.

A maioria dos participantes costuma ler o Jornal de Santa Catarina, o que representa 71%. 28% não tem o hábito de ler o JSC e 1% não respondeu esta questão. Dos entrevistados que costumam ler o Jornal de Santa Catarina, 34% lê diariamente, 19% tem acesso três vezes por semana, 17% apenas uma vez, outros 17% duas vezes e 13% quatro ou cinco vezes por semana.

Geral é a editoria mais lida pelos participantes da pesquisa de opinião, sendo 28%, seguida do Lazer que alcançou 14%. 12% lê a editoria de Economia, outros 12% a de Política, 11% a de Opinião, 9% a de Esportes e outros 9% a de Segurança.

Os temas que os entrevistados mais relacionam aos jovens são a educação com 15% e o trabalho/emprego/desemprego também com 15%. 14% respondeu lazer/festas, 7% relacionou os jovens à sexualidade, outros 7% aos esportes, ainda 7% à cultura, 6% à moda/beleza, outros 6% à família. Já trânsito foi a resposta de 5%, tráfico de drogas foi a de outros 5% e violência foi a de ainda 5%. Saúde 3%, assaltos/roubos 3% e prisão 1% foram os temas menos ligados aos jovens.

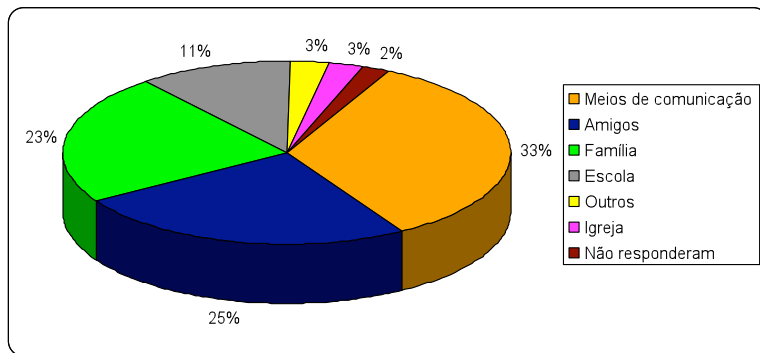


Gráfico 3 – Mediações na formação da opinião sobre jovens, segundo pesquisa de opinião realizada com alunos universitários de instituição de ensino particular em setembro de 2008. (Em percentagem)

Fonte: Elaboração própria

Os meios de comunicação foram que mais contribuíram para a formação da opinião sobre jovens dos entrevistados, sendo 33%. Amigos apareceram como segundos colocados com 25%, seguidos da família com 23%. 11% respondeu escola, 3% assinalou outros, ainda 3% igreja e 2% não respondeu este questionamento.

A maioria dos participantes avalia a abordagem do Jornal de Santa Catarina em relação aos jovens “regular”, sendo 40%, seguido da opção “boa” que foi assinalada por 36%. 11% não responderam esta questão, 8% acredita que a abordagem é ruim e 5% que é ótima. Os entrevistados também foram questionados sobre o porquê dessa avaliação. 60% não respondeu e os motivos que mais foram apontados foram que “deveria ter mais matérias e abordagens sobre e para jovens” com 9% e que “abrange tudo, qualquer tipo de assunto” com 6%.

Para complementar os resultados dessa questão, optou-se por inserir “pergunta aberta” e “pergunta fechada” (APPOLINÁRIO, 2006), facilitando assim a compreensão de diferentes colocações, foram expostas abaixo, as respostas de alguns entrevistados.

Mulher, de 18 anos, do curso de Publicidade e Propaganda:

Quase não se fala sobre jovens e quando falam, não dão todo espaço necessário para o jovem de todas as classes se expor. O caderno KZUKA é um exemplo, fala sobre assuntos diversos, mas só ouve alunos de colégios particulares. Qual a diferença entre esses dois estilos de jovens? Só porque o pai de um paga R\$ 300 de mensalidade e também é assinante do Santa e outro mal sabe ler porque o Estado não dá um ensino tão bom quanto? E onde fica a igualdade social nos meios de comunicação? Talvez seja isso que diferencie e distancie tanto os jovens blumenauenses. O jornal deveria ser um reflexo da sociedade, não só da classe A, deveria mostrar que há jovens empobrecidos que estudam, trabalham, se divertem, falam de cultura, política e economia como tantos outros jovens.

Homem, de 35 anos, do curso de Jornalismo:

É preciso mais espaço, mais matérias sobre empregos, cursos, cidadania, assuntos de interesse do jovem e mais na linguagem deste público.

Mulher, de 39 anos, do curso de Administração:

Ela é boa em relação à abordagem envolvendo esportes, por exemplo, mas ruim dando muito mais destaque para jovens roubando e traficando.

Questionados sobre como o Jornal de Santa Catarina quer mostrar os jovens, a maioria respondeu “problemáticos”, representando 26%, seguido de “bonitos, saudáveis e educados” com 23% e de “trabalhadores e estudiosos” com 21% 10% acredita que o JSC quer mostrar os jovens “violentos”, 4% respondeu “outros” e ainda 4% assinalou “de todas as formas e estilos”. 12 % não respondeu esta pergunta.

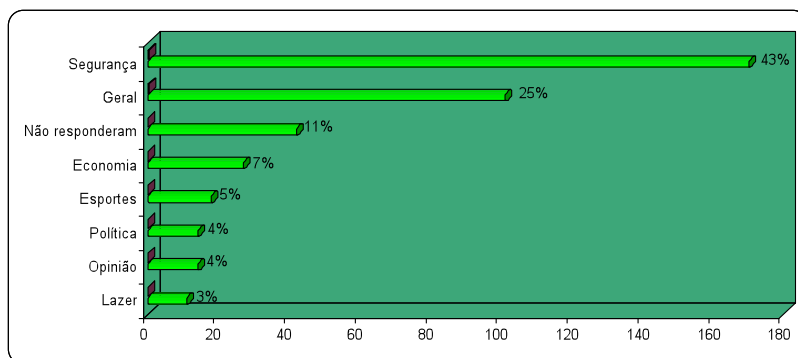


Gráfico 4 – Editorias do Jornal de Santa Catarina que mostram os jovens empobrecidos, segundo pesquisa de opinião realizada com alunos universitários de instituição de ensino particular em setembro de 2008. (Em percentagem)

Fonte: Elaboração própria



Segurança é a editoria que os entrevistados acreditam que os jovens empobrecidos são mais citados, sendo 43%, seguida da Geral com 25%. 7% respondeu Economia, 5% assinalou Esportes, 4% Política, outros 4% acredita ser na de Opinião e 3% na de Lazer. 11% não respondeu esta questão.

A última pergunta do questionário também foi aberta com indagação aos participantes sobre a opinião que construíram sobre jovens empobrecidos a partir da leitura do Jornal de Santa Catarina. A maioria respondeu que é associado à violência e marginalidade, o que representa 17%, seguidos de 11% que opinou que estes jovens são desfavorecidos, há falta de oportunidades e desigualdade social. 42% não respondeu este questionamento.

Pelo mesmo motivo da questão 13, esta pergunta foi aberta para a compreensão da opinião dos participantes de forma aprofundada e oferecer complexidade de respostas. Alguns apontamentos podem ser observados abaixo para melhor entendimento dos pontos de vista que os jovens acadêmicos construíram sobre jovens empobrecidos, a partir da leitura do Jornal de Santa Catarina.

Homem, de 29 anos, do curso de Jornalismo:

O jornal não trabalha esse lado, apenas o dos jovens baladeiros, que vivem de festas ou pertencentes à elite da sociedade blumenauense. Jovens empobrecidos somente quando a pauta trata de problemas sociais, violência, etc.

Mulher, de 21 anos, do curso de Administração:

Falta de emprego, desigualdade social, violência, falta de estudo, entre outros.

Mulher, de 22 anos, do curso de Direito:

A opinião da maioria das pessoas: a relação entre pobreza e violência. É necessário que se mostre a origem da violência.

Homem, de 31 anos, de Ciências Contábeis:

Falam sobre os jovens empobrecidos somente quando acontece algum crime ou prisão e apreensão de drogas.

5 Algumas considerações finais

Diferentes mediações influenciam na opinião da formação dos receptores, entre elas os meios de comunicação ocupam importante papel. Com esta responsabilidade, o



jornalismo deve levar em consideração princípios éticos como ouvir todos os lados envolvidos num fato, buscar sempre a verdade e separar a questão financeira da editorial. Infelizmente, nem sempre estes fatores são alcançados devido a diversas questões da prática da profissão.

A falta de contextualização das informações ainda é uma dívida que o jornalismo brasileiro tem com seu público leitor. Disponibilizar as causas ou motivos, os antecedentes e consequências, quando se trata de reportagens sobre jovens, e muito mais, sobre jovens empobrecidos poderia ser toda a diferença se relacionamos o conhecimento de vários lados do fato noticioso. A procura pela pauta diferenciada, com olhar cidadão, passa também pela questão de abordar bem, em termos de técnica jornalística e da apuração das informações, um fato jornalístico. A procura pela objetividade é um desafio constante. A esse desafio poderíamos acrescentar a procura por angulações, olhares diferenciados, enfim, pela procura de divulgar um contexto que possa esclarecer ao leitor, sujeito-receptor, de que se trata uma matéria. Ou seja, ir além do óbvio, mostrar as diversas facetas de um fato. Essa missão do jornalista tem uma base ética, técnica e também estética. Conceitua-se que um texto bem escrito é uma questão de primor também estético, então, percebe-se que todos esses elementos, não somente técnicos de apuração, procura pelas fontes, reportagem e redação, teriam que estar presentes na mídia impressa.

Nesse sentido, falar sobre jovens empobrecidos traz esse desafio, o de procurar pautas direcionadas a esclarecer, afinal, qual é a situação de vida que os jovens empobrecidos, ou de classes menos favorecidas, têm? Conhecer quais suas expectativas, seus anseios, seus modos de vida, podem resgatar não somente a sua cidadania, mas, também, provocar atitudes de mudança na sociedade em geral. A busca por pautas, fontes informativas, pela reportagem e ousadia dos jornalistas da região podem gerar câmbios e ampliar a visão dos acontecimentos que ocorrem em Blumenau, SC, das pessoas que acontecem, de recuperar o outro lado, menos favorecido, que a sociedade nem sempre acompanha.

Referências bibliográficas

ABRAMO, C. **A regra do jogo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.



ARPINI, D. M. **Violência e exclusão**. 1 ed. São Paulo: Edusc, 2003.

BARBETTA, P. A. **Estatística aplicada às ciências sociais**. 5. ed. Florianópolis: UFSC, 2002.

BARROS FILHO, C. **Ética na comunicação**. São Paulo: Moderna, 1995.

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DIEHL, A. A. **Pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. Vitória: 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). **Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

MINAYO, M. C.de S.; et al. **Fala galera**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

OLIVEIRA, C.S. de. Quem tem medo da violência juvenil? In: CAON, J.L.; et al. HARTMANN, F.; ROSA JR, N.C. Dal Follo da. (Org.). **Violências e Contemporaneidade**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2005.

SALLAS, A. L. F.; et al. **Os jovens de Curitiba**. Brasília: Unesco, 1999.

SAMARA, B.S.; BARROS, J. C.de. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

SOUSA, J. P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e da mídia**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

TAVARES, E. **Jornalismo nas Margens**. Florianópolis: Companhia dos Loucos, 2004.

VELLOSO, J. P. dos R; ALBUQUERQUE, R. C. de. (Org.). **Pobreza e mobilidade social**. São Paulo: Nobel, 1993.